



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# UMA AVENTURA DE TÓNIO

POR S. X. J.

DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

Naquele dia, Tónio...

Mas... já lá vamos. Primeiro que tudo, devem saber quem é este Tónio, este endiabrado Tónio. Ou já o conhecem? Pois se ainda não, vamos dizer quem ele é e o que faz. O que faz? Pois que há-de ele fazer; senão pregar constantes sobressaltos à sua velha criada e também à mamã, se por acaso esta é informada das suas diabruras?!...



Tem o Tónio 6 anos, feitos no dia 20 de Julho, dia em que lhe foram parar às mãos uma avalanche de brinquedos—o que de resto, (diga-se a verdade) ele já esperava—oferecidos pelo papá, pela mamã, pelo avô e por mais pessoas de família, e até mesmo sem o serem.

Pois muito bem: Naquele dia, o Tónio tinha-se levantado muito cedo—ainda não eram 8 e meia—e depois de o terem lavado, vestido, etc., dirigiu-se para o «quarto dos brinquedos»—ou «quarto da cangalha-da», como era mais conhecido entre as pessoas de casa—(o que desgostava um pouco Tónio, apesar d'ele nunca ter dito nada a esse respeito)—e... que iria fazer? Nem ele mesmo o sabia.

No meio de tanta coisa bonita, não atinava por onde começar.

Mas... teve uma idéa.

Iria simular um combate entre os muitos soldadinhos de chumbo que possuía.

Levou-os todos para o meio do quarto, e, entretanto, pensava quais seriam os contendores resolvendo, por fim, defrontar os seus antigos soldadinhos, com os que lhe tinham dado no dia do seu aniversário natalício.

Alinhou-os em frente uns dos outros com as suas respectivas peças, etc; mais atrás, colocou todas as viaturas: de mantimentos, forno para pão, da água e outros, (todos os seus respectivos guardas), e, numa algazarra medonha, começou a animá-los, a incitá-los para a luta; mas, por fim, já aborrecido de os ver sempre quiéto: agarrou num deles e mandou-o contra o grupo contrário; pegou num destes, atirou-o ainda com

mais força contra os seus adversários e, continuando assim, cada vez mais entusiasmado e no meio de mais intensa gritaria, chamou a atenção da velha criada e da mamã, que, quando penetraram no quarto, apanharam cada qual com o seu soldado, (soldado não, porque



aquilo já não eram soldados, mas sim, bocados de chumbo, que não davam idéa alguma do que teriam sido) e para não apanhar com outros, foi preciso agarrarem no Tónio e a mamã dar-lhe dois açotes la num certo sítio, pois que ele nem sequer dera pela sua presença.

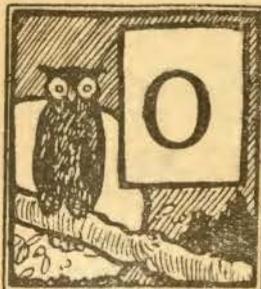
F I M



# AMOR À TERRA

POR JOSÉ AUGUSTO DO VALE

DESENHOS DE A. CASTANÉ



Joaquim da Nora foi pastor de ovelhas nos seus tempos de rapaz. Nunca teve um patrão que o *puxasse às primeiras letras*.

É inteligente e desembaraçado no trabalho, quando quere e tem bom fundo de alma.

Um dia destes, encontrámo-lo ao serviço dum

proprietário da aldeia.

Nessa mesma altura chegava a esquelética mulher do Joaquim da Nora com umas azeitonas e um pedaço de brôa tenra, para a merenda.



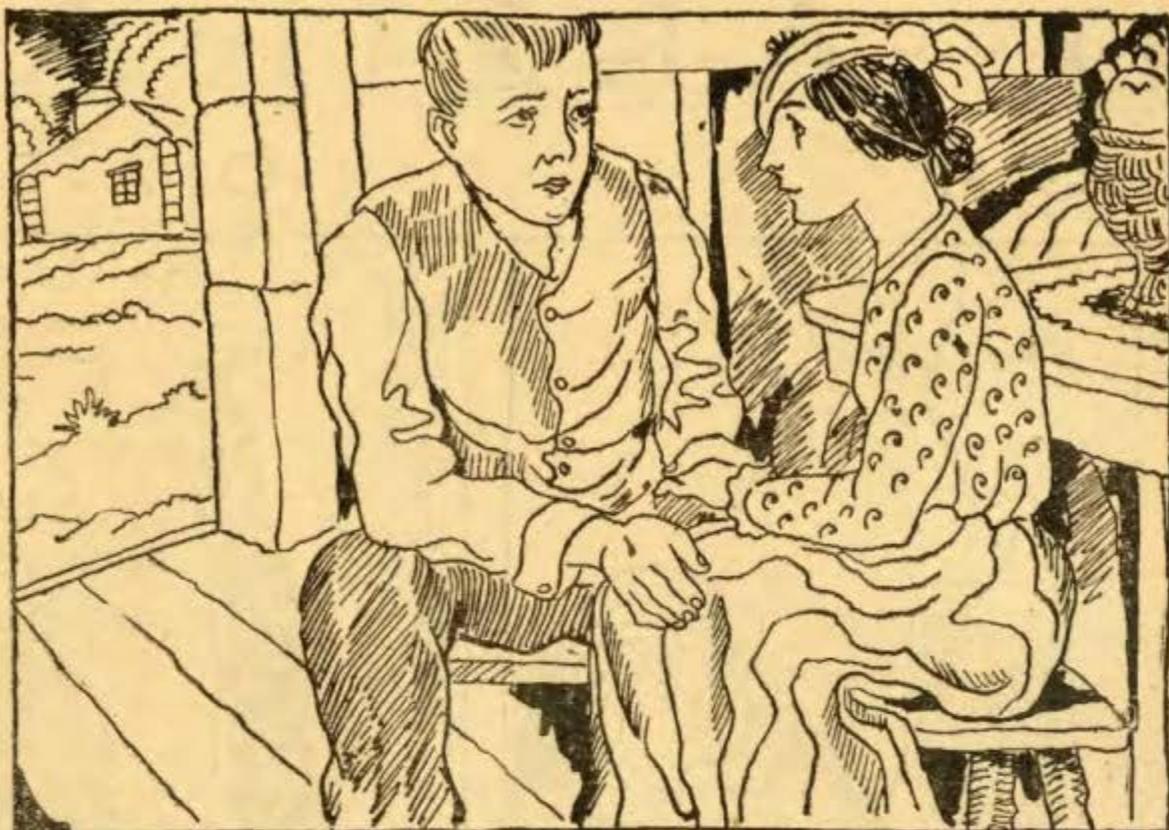
Com a presença desta refeição, mandou o proprietário abeirar o desejado copo de vinho; isto é, a *«pinga»* como os trabalhadores lhe chamam.

Ora, como nos encontrávamos ali próximo, notámos que a mulher tinha uma grande névoa no olho direito, o que a tornava fisicamente defeituosa.

Ele, então, com um tom muito amável, querendo justificar o defeito da querida companheira, passou a contar-nos a história seguinte:

— «A minha mulher, lá no seu tempo, era uma rapariga toda geitosa. Lá isso é verdade. Mas, com grande azar, um dia, transportava um pesado feixe de lenha; e o que é certo é que um maldito gafa-





nhôto, saltando do feixe, deu-lhe tamanha pancada na vista direita que lhe apagou a luz para sempre. Eu ainda fui com ela ao sr. doutor médico. Mas êle disse-me que fôsse, quanto antes, com a minha companheira para o hospital da cidade.

Vimos, então, para casa, mais tristes do que a noite. Ali, disse para ela: — Olha mulher, tu assim não podes viver. . . Vende-se o *Chão de Cima* e tens de partir para a cidade. Nós casamos pobres, é certo, simplesmente com a heranzinha dos teus pais. Mas é como o outro que diz: — Vão-se embora os aneis e fiquem os dedos». E' também certo que temos gasto alguma coisa no tratamento da *esfalfetra* (enfraquecimento) que não me tem largado nem me tem deixado ganhar, à vontade, uma jorna desafogada. Por isso, como já disse, vende-se o *Chão de Cima* e tu vais tratar-te. Eu, por andar, ainda, um bocado *ténico* (fraco), pouco importa.

Nisto, a minha mulher, que tem muita amizade aos dois bocaditos que os pais *le* deixaram, responde: — Olha, Joaquim: — Há casas que têm uma só janela e vive gente lá dentro. Eu se ficar só como uma *vista* já não sou a primeira pessoa. A fazenda é que eu não vendo por dinheiro nenhum. Deixaram-ma o meu pai e a minha mãe. Por isso antes quero ficar sem a *vista* direita do que desfazer-me dos bocadinhos que tanto custaram a ganhar a meus pais.

De mais a mais, podemos ainda ter outra doença maior, porque a gente não sabe ao tempo que chega».

Tornei eu: — «Lá te havenhas, mulher!  
Para mim, tão bonita és assim, como doutra

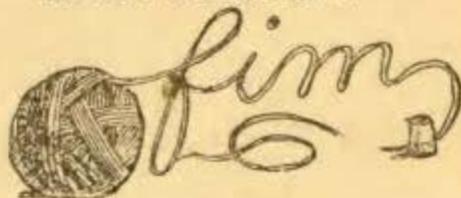
maneira. A amizade não se prende com defeitos do corpo nem se vai buscar dum momento para o outro».

— «Seja como fôr! — insistiu ela, de novo: — Há casas que têm uma só janela, como já te disse, e nelas mo'ra gente boa e honrada. Há pessoas que têm um só braço e outras somente uma perna e são alegres e governam a vida. Por isso, eu, se ficar assim. . . é como o outro que diz: — «Haja saúde! . . .

— «Pois seja, então, o que tu quizeres, mulher!»  
E minha mulher assim ficou. . . .

Nós rematámos a conserva dando as boas tardes e seguimos para a frente.

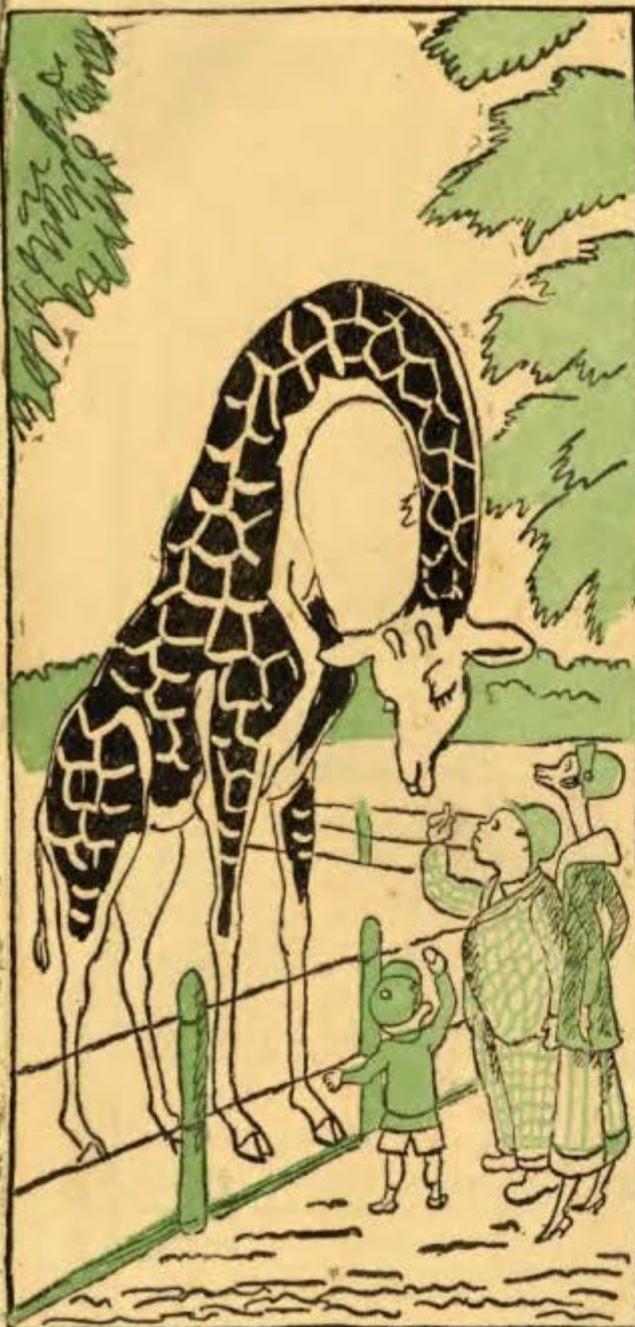
*Não há nada p'ra vender,  
como as palavras de getto,  
porque elas são a voz d'alma,  
são calor do nosso peito!*





# E A GIRAFA

A N É E S R



V — Porque Deus assim a fez!  
(volve a Mãe e, sêca, ajunta:)  
— «Muito preguntador és,  
basta de tanta pergunta!»

VI — Mas Zézinho não se cala,  
e em perguntas se consome;  
— «A Girafa também fala?!  
Como bebe, como come?!»

VII — Decorrido um quarto de hora,  
já a caminho de casa,  
pregunta, de novo, agora:  
— «É a Girafa também casa?!»

VIII — Nisto, o Pai, sem se suster,  
responde, intencionalmente,  
olhando para a mulher:  
— «Sim, meu filho, infelizmente!»

# A GENEROSIDADE DE ZECA

POR S. X. J. — DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

Zéca, o apaixonado do cinema.

Filho de família rica, habituado a ver satisfeitos todos os seus caprichos, por mais inocentes que fossem, julgava que o mesmo aconteceria com todas as outras crianças.

Mal sonhava ele as angústias que muitas delas sentiam, ao vê-lo passar com os seus para o cinema. Mas ia tão satisfeito, tão arreigado no seu contentamento que nem sequer reparava nas fisionomias tristes; nos olhos cobiçosos de tantos outros pequenos, que, ao vê-lo, fantasiavam nas suas pequenas mentes, o prazer que sentiriam, se pudessem, tal como ele, assistir ao espectáculo, que tanta vez tinham ouvido elogiar.

Qual não foi, porém, o seu espanto, quando, naquele dia, um dos rapaziões o olhou indeciso, suplicante, contrafeito, junto do seu avozinho, — (o Zéca, ia sempre acompanhado pelo avô — pedindo-lhe que desse alguns tostões «pra ajuda do bilhete».

Zéca, conquanto fôsse um pouco traquinas, possuía, no entanto, um coração bondoso, dando de bom grado esmola a todos os pobres que implorassem a sua caridade. Ficou por isso deveras impressionado ao ver o desabar de todas as suas ilusões. — Pois, seria possível haver tanta criança que nem sequer possuía uns simples tostões com os quais pudesse adquirir o bilhete que lhe permitiria assistir ao espectáculo que ele julgava franco a todos os desejos!?

Não calculam os leitores, a consternação que sofreu aquela boa alma!

E foi desta consternação que proveio o pedido, quasi imperativo, que ele fez ao avô, a fim de obter a autorização necessária para ajudar os desventurados na aquisição dos desejados bilhetes, com as suas economias, se tanto fôsse necessário.

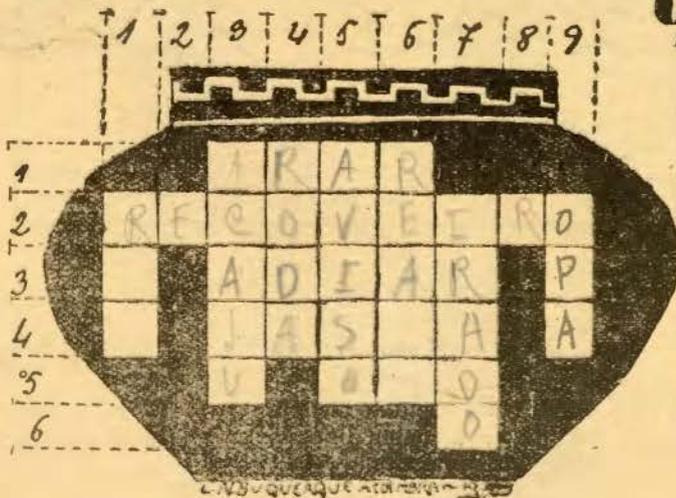
O avô de Zéca, então, ao ver o prazer que o neto sentia por favorecer aqueles infelizes, não só lhe disse que procedesse como quizesse, como ainda o aconselhou

a dar do seu dinheiro, pois assim teria mais valor aquela boa acção.



No intervalo do espectáculo, o avô, confirmou que devemos ser sempre generosos em todos os actos que praticarmos, elogiando-o pelo seu generoso procedimento.

## PALAVRAS CRUZADAS — (Problema) —

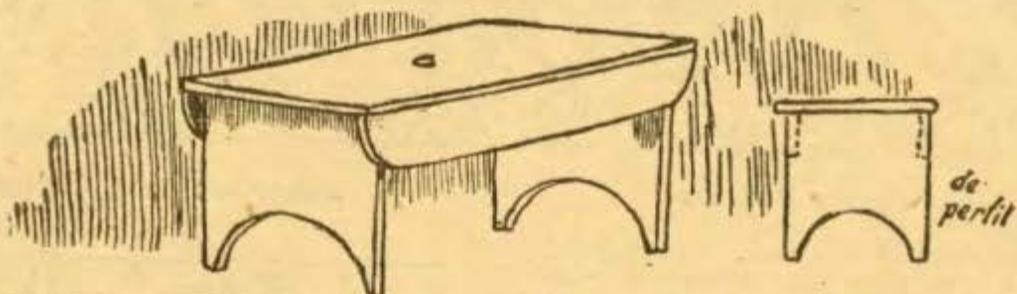


CACHE-POY

*Horizontais.* — 1, lavar. 2, almocre. ve. 3, vogal; procrastinar; consoante. 4, consoante; erva de que se sustenta o gado; vogal. 5, vogal; duas vogais e consoante. 6, vogal.

*Verticais.* — 1, arrás, tapeçaria antiga. 2, vogal. 3, madeira do Brasil. 4, parte dum carro. 5, advertencia. 6, rio pequeno. 7, encolerizado. 8, consoante. 9, capa usada nas irmandades.

# HORA DE RECREIO

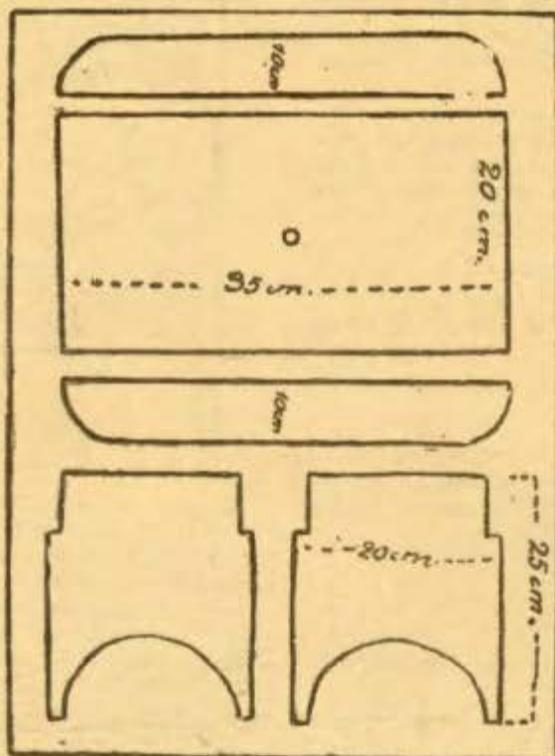


## COMO SE FAZ UM BANQUINHO

Parece, à primeira vista, que deverá ser difícil, mas não o é, pois é composto por peças que, pela sua simplicidade, podem ser feitas por qualquer dos leitorinhos do «Pim-Pam-Pum».

Primeiramente, fazemos os pés que são cortados nas dimensões que indica a gravura, em qualquer tábua de espessura razoável.

Para maior simplicidade, faz-se primeiro um dos lados. Depois risca-se com um lápis, num outro pedaço da tábua, fazendo-se o outro lado que, desta forma deverá ficar, exactamente, do tamanho do lado contrário.



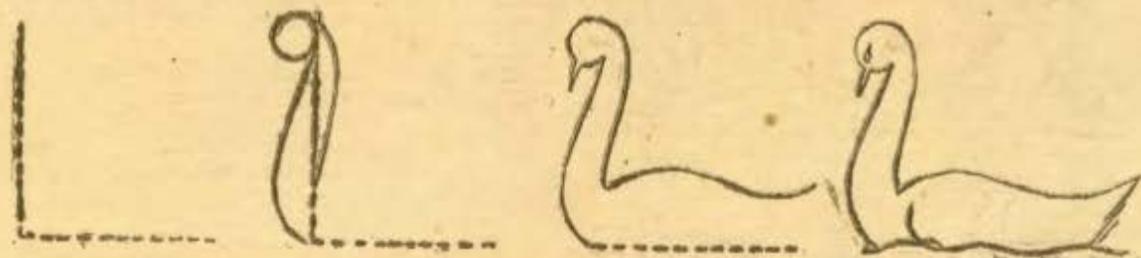
Corta-se, então, a tábua da parte superior — o assento, — ao centro da qual se faz um buraco para meter o dedo e transpor o banco.

Prega-se esta parte superior aos pés do banco e, com duas tiras de madeira, de ambos os lados, dá-se-lhe mais resistência.

Depois de construído, aplina-se, ou, com um pedaço de vidro e lixa, raspam-se e lixam-se as arestas e esquinas.

Como estão vendo, este banco não apresenta grande dificuldade e fará as delicias da mana pequenina, para brincar com as suas bonecas.

## LICÃO DE DESENHO



# O rato velho e o morcêgo

Por José Augusto do Vale

Desenhos de A. Castañé

Uma vez um rato, muito velho, encontrou-se com um grande morcêgo no sítio escuro duma casa muito antiga. O morcêgo, apenas viu aproximar-se o companheiro dos lugares escuros, perguntou-lhe:

—«Que andas a fazer, compadre?»

—«Olha, meu caro, ando por aqui no meu ofício que é saber onde o patrão ou a patrão têm os géneros mais apetitosos para eu ter a grande satisfação de os saborear...»

—«Não acho isso bem. Tu devias fazer como eu faço. Calcula tu: — eu saio, de noite, é verdade, mas só para dar alívio ao homem; isto é, passo a vida a dar caça aos enfadonhos mosquitos que são os portadores de várias doenças perigosas. E tu não lhe dás o mais pequeno conforto.»

Portanto, repara, com atenção, no que eu faço pois, sendo rato como tu, consegui obter a graça dumas asas que me fazem gosar, como se fosse uma ave de lindas penas.

—«Pois, sim... sim... — (diz o ratinho). — Tudo isso é muito bopito. Mas hás-de concordar que quem te levou a esse estado de voares, como as aves, foi uma grande força



Agora andar numa vida errante, cheia de sobressaltos, como a tua, observando sempre os olhos policiais do gato manhoso, ou os passos vagarosos do dono da casa..., isso é uma vida torturada!...

—«Lá trêta, tens tu, como um bom advogado meu menino. Mas eu é que não estou resolvido a ir no bote. Enquanto eu tiver as coisas dos outros para roer, sem grande esforço, não é o filho da velha *ratinha*, minha mãe, que vai tentar um outro plano para governar a *vidinha*...»

—«Pois, sim... sim... Vai esperando pelo resultado que há-de ser bonito...»

—«Então para que servem os olhos e as pernas, meu *lindinho*?»

«—Fia-te... E' sómente o que te digos.»

E assim foi. Passado algum tempo, o rato velho tanto andou que foi cair nas unhas aduncas do gato da casa, que, por duas vezes, o espreitou da tampa duma arca velha!...

E o morcêgo, que tinha observado o caso, cantou-lhe, depois, com certa ironia, o seguinte:

«Vai lá no teu barco, à vela...  
Quando a nossa vida é séria,  
Não precisamos de vê-la,  
Envolvida em muita léria!...»



de vaidade. Enquanto que eu sou um *pobre-diabo*, sem outra ambição a não ser o desejo constante de comer...

—«E qual é a pessoa que não tem as suas ambições, quando elas são bem fundadas?»

E' preciso que saibas que tal ambição, neste caso de elevação individual com esforço próprio, não é um defeito. E' antes uma sublime virtude.